



NOTAS DE PESQUISA

OS PRIMEIROS PASSOS:

EXPERIÊNCIAS DOS EX-ALUNOS DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA
DO NUPEM/FECILCAM

O objetivo dessa seção¹ é expor algumas experiências vivenciadas pelos ex-alunos vinculados ao Programa de Iniciação Científica ao longo dos dez anos de NUPEM na FECILCAM. A idéia surgiu em virtude das experiências particulares que naturalmente muitos vivenciam no decorrer de suas trajetórias enquanto pesquisadores, e que esporadicamente são relatadas. Estes relatos são fundamentais, pois revelam as dificuldades, percalços e avanços na busca pelo conhecimento, portanto passíveis de serem compartilhadas. Nesse sentido, experiência é o que melhor define essas entrevistas, pois seu elemento fundamental é a realidade empírica vivenciadas pelos estudantes ao longo de suas pesquisas, elemento valorizador do processo histórico concreto, distante das elucubrações e abstrações desinteressadas e descabidas.

O leitor vai encontrar observações feitas pelos entrevistados que revelam claramente a necessidade do diálogo entre a teoria e a prática empírica enquanto fato constante na realidade do pesquisador, bem como o entendimento de que o quanto antes o aluno de IC aproveitar as oportunidades oferecidas e as por em prática, mais rapidamente estará apto a produzir resultados e contribuições para a sociedade. Essa preparação começa com o aluno ainda em um processo de descobertas da graduação, o que, por um lado, facilita e permite seu amadurecimento em um processo contínuo. Por outro, revela as dificuldades dos primeiros passos que, por vezes, parecem insuperáveis. É possível também constatar nas entrevistas que inúmeras teorias são apresentadas e os resultados das pesquisas, muitas vezes, são divulgados minimamente, relegados ao engavetamento de arquivos.

Nesse período de dez anos de NUPEM, muitos estudantes tiveram a oportunidade de usufruir e compartilhar novos conhecimentos. Dentre os quais alguns se apresentaram satisfeitos com os primeiros passos e se dirigiram para suas atividades profissionais, já outros, motivados pela Iniciação Científica, seguiram pelo caminho da pesquisa. Frente a isso, convidamos alguns colegas pesquisadores que realizaram suas pesquisas em momentos diferentes na Iniciação Científica vinculados ao NUPEM. Alguns não foram encontrados, outros muito ocupados, mas a maioria convidada rapidamente se prontificou em compartilhar suas experiências.

O critério utilizado foi, em um primeiro momento, expor as entrevistas dos ex-alunos de Iniciação Científica que retornaram à FECILCAM como professores efetivos e, em segundo os que seguiram suas pesquisas ao nível de mestrado e doutorado, sendo convidado um ex-aluno de cada turma.

Enfim, o leitor poderá consultar o resultado dessas entrevistas na seqüência. Portanto, o registro está feito! As experiências e expectativas apresentadas nas entrevistas demonstram caminhos já trilhados e novos a serem abertos, esperando sinceramente que isso possa despertar e servir de estímulo àqueles que estão dando os primeiros passos na pesquisa ou que pretendem entrar nesse universo de produção do conhecimento.

Nota

¹ Entrevistas realizadas por Fábio Hahn e Frank Mezzomo, professores do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM).

ENTREVISTA COM FÁBIO RODRIGUES DA COSTA

Realizou seu mestrado em Geografia na Universidade Estadual de Maringá – UEM. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período entre abril de 2001 e abril de 2002, intitulado Monitoramento de Parâmetros Limnológicos no setor oeste do reservatório da Usina Mourão I, orientado pelos professores José Antonio da Rocha e Jefferson de Queiroz Crispim. Atuou como professor colaborador na FECILCAM entre os anos de 2007 – 2008 e foi professor da Faculdade Integrado de Campo Mourão entre os anos de 2006 – 2008. Desde 2008 é professor efetivo do Departamento de Geografia da FECILCAM. É membro do comitê assessor local de bolsas do NUPEM e coordenador do Colegiado de Geografia.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Fábio Rodrigues: O projeto de pesquisa envolvia dois professores orientadores (José Antonio da Rocha e Jefferson de Queiroz Crispim) e três estudantes do curso de Geografia. A pesquisa foi desenvolvida no lago da Usina Hidrelétrica Mourão I, localizado entre os municípios de Campo Mourão e Luiziania. Em virtude da extensão da área de estudo, o lago foi dividido em três setores: norte, sul e oeste. Cada estudante desenvolveu sua pesquisa em um setor. No meu caso, a pesquisa foi desenvolvida no setor oeste. O objetivo principal era avaliar alguns parâmetros limnológicos como: pH, oxigênio dissolvido, turbidez, carga em suspensão, condutividade elétrica, temperatura da água e transparência da coluna d'água. Para isso, foram realizadas quatro campanhas de campo, uma em cada estação do ano, envolvendo um ciclo sazonal. O intuito da pesquisa foi avaliar a qualidade da água e os impactos ambientais promovidos pela ação antrópica no lago da Usina.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Fábio Rodrigues: A principal dificuldade para o desenvolvimento da pesquisa era a manutenção dos equipamentos. O desenvolvimento da pesquisa somente foi possível em razão da criação do Grupo de Estudos do Meio Ambiente – GEMA, pelos professores José Antonio da Rocha e Jefferson de Queiroz Crispim. Estes haviam terminado o mestrado na Universidade Estadual de Maringá e tinham como objetivo disseminar e ampliar os conhecimentos adquiridos. O GEMA teve papel fundamental na realização de pesquisas envolvendo a temática ambiental na FECILCAM, sendo responsável por inúmeros projetos de iniciação científica e publicações de resumos e artigos em eventos científicos. Foram adquiridos, pelo GEMA, os equipamentos de campo e de laboratório necessários para o desenvolvimento da pesquisa, no entanto, em virtude dos poucos recursos disponibilizadas pela FECILCAM, quando algum equipamento tinha problema, era necessário esperar um longo tempo para que a manutenção fosse realizada. O que acabava prejudicando o bom desenvolvimento da pesquisa.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Fábio Rodrigues: A pesquisa contribuiu para um melhor entendimento da dinâmica do lago da Usina Hidrelétrica Mourão I. Possibilitou a ampliação do entendimento sobre a qualidade da água e sobre os impactos causados pela atuação do homem na vertente do lago. Além de abrir caminho para que outras pesquisas aprofundassem os estudos no reservatório.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte da FECILCAM e outros órgãos de fomento?

Fábio Rodrigues: Sim, os resultados parcial e final da pesquisa foram apresentados em eventos internos como: I, II e III Semana de Iniciação Científica (FECILCAM – 2000, 2001 e 2002) e externos como: XI EAIC – Encontro Anual de Iniciação Científica (UEM – 2002) e XIII ENEG – Encontro

Anual dos Estudante de Geografia (UFRGS – 2002). O apoio de FECILCAM para alguns eventos externos era através do pagamento da inscrição, transporte e alimentação. No entanto, os recursos disponíveis eram poucos e, em alguns casos, era necessário pagar a inscrição do próprio bolso.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Fábio Rodrigues: A iniciação científica é um grande estímulo para o desenvolvimento intelectual do estudante durante o curso de graduação. Abre as portas para um novo e intrigante caminho, que é a pesquisa. Isso possibilita a ampliação do senso crítico, faz com que novas leituras sejam incluídas na vida acadêmica e possibilita o contato com outras instituições e pesquisadores através da participação em eventos. Com toda certeza a iniciação científica teve grande importância para a minha vida acadêmica durante a graduação em Geografia.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Fábio Rodrigues: Esta pergunta é muito importante e de grande relevância. Vou explicar os motivos. Ingressei na FECILCAM no ano de 1999, no curso de Geografia, e meu primeiro contato com a pesquisa foi com a professora Zueleide Casagrande de Paula, que ministrava a disciplina de METEPE – Métodos e Técnicas de Pesquisa. Tínhamos que entregar uma monografia para obtermos a nota do quarto bimestre e, durante o ano, a professora foi explicando os primeiros passos de uma pesquisa para que no final a monografia fosse entregue. No ano 2000, a professora Zueleide promoveu o Primeiro Encontro de Iniciação Científica da FECILCAM. Ela estimulou para que os alunos apresentassem o resultado de suas pesquisas de monografia. Fiz o resumo e enviei para o evento. A pesquisa foi apresentada na forma de painel.

Todos que apresentaram os resultados de suas pesquisas no evento foram convidados a escrever um artigo para os anais do evento.

Refletindo sobre o convite, resolvi aproveitar a oportunidade e elaborar um artigo com o conteúdo da monografia. Enviei o artigo, fiz as correções que foram pedidas pelos avaliadores e o trabalho foi publicado. Empolgado com o resultado e feliz por ter publicado o primeiro trabalho, resolvi, junto com os amigos Carlos Eduardo Pedrezini e Fernando Facini, procurar orientador para ingressarmos no Programa de Iniciação Científica. Neste mesmo tempo, os professores Jefferson de Queiroz Crispim e José Antonio da Rocha, haviam fundado o GEMA e estavam interessados em orientar trabalhos de Iniciação Científica.

Os professores nos orientaram para desenvolver a pesquisa no lago da Usina Hidrelétrica Mourão I. Assim, o projeto foi inscrito, aprovado e colocado em execução. Os resultados parcial e final foram apresentados em eventos internos e externos, destacando-se o projeto apresentado no Encontro Nacional dos Estudantes de Geografia em Porto Alegre – RS.

No ano de 2002, estimulado pelo amigo Clodoaldo José Bueno do Prado, que no ano anterior havia se inscrito no Programa de Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, resolvi ir a Maringá para conversar com um possível professor orientador. Entrei em contato com o professor Dr. Nelson Lovatto Gasparetto que pediu que eu levasse um pré-projeto para conversarmos sobre o mestrado. Aprofundei o projeto de iniciação científica e me desloquei até Maringá. Fui muito bem recebido pelo professor Nelson, que fez algumas alterações no pré-projeto e aceitou ser o orientador. Fiz a inscrição para o processo seletivo e fui aprovado. A dissertação de mestrado dava continuidade e aprofundava a pesquisa de iniciação científica.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Fábio Rodrigues: Notadamente a FECILCAM avançou muito nos últimos anos no que se refere à pesquisa, ensino e extensão. No que tange a pesquisa, a contribuição do NUPEM é sem dúvida nenhuma decisiva e fundamental. O NUPEM abriu as portas para que a pesquisa se consolidasse

no âmbito da FECILCAM. Mesmo se destacando regionalmente pela qualidade do ensino e da pesquisa, ainda existe um longo caminho a ser percorrido para atingir o nível das Universidades. Um ponto forte a ser destacado na FECILCAM é o incentivo para a qualificação dos professores. Muitos mestres e doutores já fazem parte o corpo docente da instituição e colaboram com a melhoria do ensino e consolidação da pesquisa de qualidade. Não resta dúvida de que para atingir o nível das Universidades públicas a FECILCAM tem que se transformar em Universidade. Esta luta deve ser de todos que almejam mais conquistas para o ensino público da região.

REVISTA NUPEM: Que efeitos pode produzir uma Faculdade pública pequena como a FECILCAM, na vida das pessoas?

Fábio Rodrigues: Entrar em um curso superior faz parte do sonho de muitos estudantes que estão terminando o ensino médio ou já o concluíram. Em nossa região, sabidamente, os problemas sociais e as dificuldades financeiras são uma realidade. Muitos não podem pagar pelo ensino superior oferecido por instituições privadas e vêm na FECILCAM uma possibilidade para melhorar sua condição de vida. A grande maioria dos estudantes que ingressam na FECILCAM são trabalhadores ou filhos de trabalhadores que buscam no ensino superior melhorar sua vida e das pessoas que o cercam.

O ensino superior público, através do ensino, da pesquisa e da extensão tem que transformar a realidade social das pessoas através do pensamento crítico e do comprometimento com a qualidade.

REVISTA NUPEM: Hoje, como professor efetivo da FECILCAM, como você avalia a importância da Iniciação Científica para sua formação docente e para os discentes?

Fábio Rodrigues: A iniciação científica é de grande importância tanto para o docente como para os estudantes. Para o docente possibilita a oportunidade de ampliar suas pesquisas e até mesmo aprender com os

discentes. Para os estudantes possibilita um maior contato com pesquisa e com o como fazer pesquisa.

REVISTA NUPEM: Qual é sua avaliação sobre o atual desenvolvimento do Programa de Iniciação Científica da FECILCAM? Pode-se estabelecer um crescimento qualitativo do NUPEM ao longo dos dez anos?

Fábio Rodrigues: Sem dúvida nenhuma muitos avanços qualitativos foram verificados no Programa de Iniciação Científica ao longo dos anos. Isto se deve aos esforços contínuos das pessoas que estiveram na coordenação do NUPEM. Pessoas estas que sempre estiveram comprometidas com a pesquisa e enfrentaram muitas dificuldades para conduzirem o processo. Hoje o programa vem colhendo os frutos do trabalho. Os frutos são a qualidade das pesquisas produzidas pelos professores e alunos vinculados ao Programa de Iniciação Científica da FECILCAM.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Fábio Rodrigues: Gostaria de aproveitar o espaço das considerações finais para agradecer as pessoas que contribuíram para minha formação como pesquisador e para com a consolidação da pesquisa na FECILCAM. Meus sinceros agradecimentos à professora Zueleide Casagrande de Paula e aos professores José Antonio da Rocha e Jefferson de Queiroz Crispim. Gostaria também de salientar a importância da iniciação científica para a vida acadêmica do estudante. É durante a iniciação científica que o estudante entra em contato efetivamente com o processo de produzir pesquisa. É através dos erros e acertos, do diálogo com o orientador, das apresentações de trabalho na instituição e fora da instituição. É neste processo que o estudante, gradativamente, vai aprendendo os caminhos da pesquisa. Se é que posso deixar um conselho, o conselho é para que façam iniciação científica.

ENTREVISTA COM WILLIAN BELINE

Realizou seu mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática em 2006, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, onde atualmente desenvolve suas pesquisas de doutorado. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período de 1999 a 2000, intitulado Segurança Computacional com Software Livre, orientado pelo professor Narci Nogueira da Silva e co-orientado pelo professor Altair Olivo Santin. Atuou como professor colaborador na FECILCAM entre os anos de 2002 – 2004 e foi professor da Faculdade Integrado de Campo Mourão entre os anos de 2004 – 2006. Desde 2006 é professor efetivo na FECILCAM, atuando junto ao Departamento de Matemática. É líder do grupo de pesquisa “Educação Matemática e as Tecnologias de Informação e Comunicação” - GEMTIC.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Willian Beline: Entre 1998, ano em que ingressei no curso de Matemática da FECILCAM, e 2000 trabalhei no Centro de Informática (CI) desta instituição. Inicialmente, em 1998, trabalhei junto à direção da instituição, sendo que ao final deste mesmo ano fui convidado para trabalhar no CI pelo Professor Narci Nogueira. Meus trabalhos a princípio eram voltados para a assistência técnica em equipamentos e assessoria do então único laboratório de informática que possuíamos. Com o passar do tempo assumi a administração da rede da FECILCAM, me especializando no Windows Server NT 4.0, sistema de servidor de redes que utilizamos na época. Fiz duas provas de certificação pela Microsoft na ocasião, me tornando MCP – Microsoft Certified Professional. Em 1999 comecei, como ouvinte, a participar do curso de pós graduação em Informática ofertado pela FECILCAM. Por conta disto meu interesse pelo tema segurança em computadores começou a despontar, bem como o interesse pelo Sistema Operacional Linux. Diante disto pedi para um dos professores da pós graduação, Professor Altair Olivo Santin da PUC-PR, me orientar na Iniciação

Científica. Ele aceitou e começamos o trabalho. Em nossa pesquisa, relacionada ao tema segurança e software livre, objetivamos demonstrar que é possível se obter um alto nível de segurança da informação através da utilização de Software Livre. Para isto fizemos uma pesquisa/enquete, na qual, diversos provedores do Brasil responderam algumas questões relacionadas à segurança e software livre. Momento em que puderam, inclusive, deixar sua opinião sobre este assunto.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Willian Beline: Como fomos os primeiros estudantes de Iniciação Científica da FECILCAM enfrentamos diversos problemas que hoje estão superados, relato a seguir alguns que me chamaram a atenção:

- a. Infra-estrutura: falta de computadores, uma sala própria para o NUPEM para que pudéssemos estudar e escassez quanto aos referenciais teóricos que utilizávamos foram constantes; (Mesmo trabalhando no CI da FECILCAM e tendo solicitado que equipamentos fossem direcionados para o NUPEM, não obtive êxito na época).
- b. Recursos financeiros: nem sonhávamos com bolsa de Iniciação Científica para estudar, contávamos apenas com recursos para disquetes (pois é, usávamos até isso, nem *pen drive* existia na época, e não faz tanto tempo assim).
- c. Orientação: Mesmo sendo a distância, não tive problemas, afinal, sendo, tanto orientador como orientando, muito voltados para a área tecnológica, nos utilizávamos dos recursos disponíveis.
- d. Tempo: Não ter bolsa dificultou, e muito, o trabalho de pesquisa. Gostaria de ter podido me dedicar mais a pesquisa na época.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Willian Beline: Como consequência dos resultados obtidos durante a

enquete desenvolvida na pesquisa, chegamos a conclusão de que existiam vários sites/instituições que utilizavam software livre na implementação da segurança da informação. E que, os que não utilizavam, estavam voltando os olhos para os chamados softwares livres, que tem ganhado cada vez mais espaço entre os administradores de rede e os responsáveis pela parte tecnológica nos sites/instituições.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte da FECILCAM e outros órgãos de fomento?

Willian Beline: Sim, participei de alguns eventos tendo como apoio a FECILCAM.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Willian Beline: Certamente sim. Alunos que desenvolvem trabalhos de Iniciação Científica tendem a se desenvolver em algumas áreas que auxiliam em sua graduação. Escrevemos mais por conta dos afazeres da Iniciação Científica, lemos mais, participamos de eventos, o que nos ajuda quanto ao falar em público. E estes são somente alguns dos benefícios em se fazer Iniciação Científica.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Willian Beline: Desde o começo da minha Iniciação Científica pensava em continuar os estudos. Durante um bom tempo quis fazer um curso voltado para a área tecnológica. No entanto, ao iniciar meu trabalho no Ensino Superior, me identifiquei com a área da Educação Matemática, área em que atuo hoje.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM

com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Willian Beline: Por conta da participação em diversos eventos é evidente o sentimento de comparação, e por que não do desejo que algumas coisas positivas vistas fora da FECILCAM sejam aqui instituídas. Quanto a pesquisa, vejo grande empenho da Instituição e um bom apoio quanto ao financiamento da mesma. Digo *bom*, pois gostaria que tivéssemos mais dinheiro para nossos estudantes para as bolsas.

REVISTA NUPEM: Que efeitos pode produzir uma Faculdade pública pequena como a FECILCAM, na vida das pessoas?

Willian Beline: Hoje, por conta das discussões que temos realizado para temas como ensino, pesquisa e extensão, vejo efeitos muito positivos. Prova disto é o projeto Universidade Sem Fronteiras. Projeto este que tenho participado pela Universidade Estadual de Londrina por conta do doutorado, motivo este que me impossibilitou de participar dos projetos desenvolvidos pela FECILCAM.

Outro fator que merece destaque trata da localização da FECILCAM. Ela é pequena sim, no entanto atende grande parte dos municípios à sua volta, o que a torna de extrema importância para nossa região.

REVISTA NUPEM: Hoje, como professor efetivo da FECILCAM, como você avalia a importância da Iniciação Científica para sua formação docente e para os discentes?

Willian Beline: Professor-pesquisador, é assim que me vejo hoje em sala de aula. Isto significa que procuro olhar para situações provenientes em meu dia-a-dia em sala de aula com outro olhar, um enxergar mais atento, acredito. Penso que este *vir a ser professor-pesquisador*, se deva em grande medida, ao que foi iniciado na Iniciação Científica, especialmente pela Professora Zueleide Casagrande de Paula, pois foi ela uma grande

incentivadora para que aqui chegasse.

REVISTA NUPEM: Qual é sua avaliação sobre o atual desenvolvimento do Programa de Iniciação Científica da FECILCAM? Pode-se estabelecer um crescimento qualitativo do NUPEM ao longo dos dez anos?

Willian Beline: Sim, definitivamente sim. A pesquisa no âmbito da Iniciação Científica na FECILCAM sofreu mudanças consideráveis. Hoje o NUPEM possui lugar de destaque em nossa Instituição, por conta do atual momento em que vivemos rumo a Universidade que tanto desejamos.

Avalio o trabalho desenvolvido pelo NUPEM como de extrema importância para a Instituição, sociedade, professores e acadêmicos, no entanto, ressalto que o mesmo deva ser mais maleável quanto a algumas questões de cunho administrativo e organizacional. *Pensem em ser Universidade antes de mais nada.*

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Willian Beline: Se queremos ser uma Universidade, temos que começar a pensar como uma, deixar de lado coisas pequenas que em nada nos ajudam. Rumo a Universidade que tanto almejamos.

ENTREVISTA COM FERNANDO JOSÉ MARTINS

Realizou sua especialização em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional – FECILCAM, cursou mestrado em Educação na Universidade Federal do Paraná – UFPR, com bolsa de pesquisa CAPES e doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, com bolsa de pesquisa CNPq. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período de 1999 a 2000, intitulado Educação e Movimentos Sociais: Uma Análise da Educação no MST, orientado pela professora Dalva Helena de Medeiros. Atuou como professor colaborador na FECILCAM entre os anos de 2001 – 2003. Desde 2003 é professor efetivo na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu, atuando no Colegiado de Pedagogia.

REVISTA NUPEM: Breve descrição da trajetória acadêmica após conclusão da graduação na FECILCAM.

Fernando Martins: Fui professor colaborador do Departamento de Pedagogia logo após a formatura. Nesse período cursei especialização na FECILCAM e no segundo ano de contrato iniciei mestrado na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Sai da FECILCAM e fiquei como bolsista no mestrado até ser aprovado no concurso público na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE em Foz do Iguaçu, onde me encontro até hoje.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Fernando Martins: Eu queria trabalhar com movimentos sociais. As atividades do MST estavam iniciando a ganhar visibilidade no meio acadêmico. Fiz a opção de investigar as ações educativas desse movimento social. Assim aliei a pesquisa e o ensino, pois também voltei minhas atividades de conclusão de curso para essa temática. Em síntese, posso

apontar que descobri com essa pesquisa o que era a Pedagogia do MST.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Fernando Martins: Todas. Estávamos iniciando o programa. A única experiência que tínhamos era a da Zueleide. E estou falando tanto de nós estudantes como da instituição como um todo. Mesmo os orientadores, os setores, enfim, toda a instituição. Éramos bolsistas, mas nossa bolsa consistia em duas viagens para apresentar trabalho por ano, e uma cota de fotocópias, umas dezenas por mês. Porém tínhamos muita vontade, também da Zueleide, de fazer acontecer a pesquisa na instituição. O interessante dessa precariedade inicial foi que, construímos todo o processo, efetivamente de maneira coletiva. Da estrutura à burocracia, até mesmo os processo de orientação foram construídos pelos sujeitos envolvidos, não houve enquadramento, nossa ação era realmente nossa.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Fernando Martins: Foram mais subjetivos do que objetivos. Objetivamente, creio que tenha contribuído em dar visibilidade para a temática, que até hoje é marginalizada academicamente. Subjetivamente, me deu respaldo enquanto sujeito político social e contribui e muito para minha formação nesse sentido. Além de fornecer alguns subsídios teóricos para as realidades sociais atendidas também.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Fernando Martins: Sim, construímos a primeira Semana de Iniciação Científica da FECILCAM. Participamos ativamente de outras atividades, vale destacar o extinto Fórum das Faculdades Públicas do Paraná, além do já

citado apoio institucional sobre as duas participações de eventos por ano. Particpei em todas as possibilidades, em eventos da Universidade de São Paulo – USP, Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, instituições estaduais, EAIC – Encontro Anual de Iniciação Científica. Na condição de coordenadora do NUPEM, a Zueleide além de incentivar, exigia nossa participação em eventos científicos. Penso que, apesar dos limites institucionais iniciais, da precariedade do início, foi um período bastante “produtivo” academicamente falando. E não só particularmente, pois esses eventos, em sua maioria, contava com a participação de mais que um bolsista.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Fernando Martins: Pode até parecer contraditória essa minha resposta, mas vou tentar me explicar. Acho que com a graduação a Iniciação não teve correspondências diretas. Mas, teve de sobremaneira para minha formação acadêmica geral. O contato interinstitucional, a socialização que o processo promoveu foram bastante significativos. Talvez o fato de eu ter começado a Iniciação Científica já nos tempos finais do curso tenha ocasionado tal desvinculação da graduação com a pesquisa desenvolvida.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Fernando Martins: No meu caso em particular, já procurei a Iniciação Científica para solidificar minhas pretensões de continuidade de pesquisa em outras esferas. E o desdobramento dessa premissa é visível, até o doutorado mantive vínculos com o sujeito (objeto na terminologia tradicional) de pesquisa que iniciei na graduação. E, de modo geral, creio que esse caminho seja crucial, como a nomenclatura diz, a iniciação científica é o ponto de partida da carreira acadêmica em âmbito de pós-graduação.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Fernando Martins: Sempre tive muito carinho pela FECILCAM, e esse carinho não me impediu de diferenciar algumas questões de cunho objetivo. Especificamente em relação ao meu curso, pedagogia, creio que a FECILCAM sempre esteve inteirada nos processos de vanguarda do país, assim, não há diferenças, por exemplo, nos debates teóricos, epistemológicos que ocorrem na FECILCAM ou uma instituição tida como excelência do Brasil. Agora, em relação a estrutura, penso que, mesmo se destacando em relação às faculdades, a FECILCAM ainda padece de condições para melhor acomodar suas próprias expectativas. Ou seja, precisamos (ainda me sinto um membro dessa comunidade) ser Universidade. E acho que a FECILCAM fez por merecer esse status, pois dadas as suas condições estruturais, ela se destaca em seu potencial.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Fernando Martins: Queria fazer um alerta aos estudantes de graduação: aproveitem ao máximo as possibilidades institucionais que lhe são dadas. Façam tudo, participem dos projetos e do programa de Iniciação Científica, militem no movimento estudantil (são coisa que, ao contrário de excludentes, para mim, complementares) e desfrutem muito desse maravilhoso momento da vida, que é ser universitário, e desde já, voltem, voltem para sua “casa” como professores, pesquisadores, pós-graduandos!!!

ENTREVISTA COM ANTONIO MARCOS ROSEIRA

Realizou seu mestrado em Geografia Humana em 2006, pela Universidade de São Paulo - USP, com bolsa de pesquisa CNPq, onde atualmente desenvolve suas pesquisas de doutorado com bolsa de pesquisa CAPES. Desenvolveu os seguintes projetos de iniciação científica: No ano de 1999, intitulado Uma Leitura Sobre o Conceito Geográfico de Território Frente a Pós-Modernidade, orientado pela professora Zueleide Casagrande de Paula e, no ano de 2000, intitulado A Formação do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL): Uma Leitura Sobre a Ótica do Conceito Geográfico de Território, orientado pela professora Zueleide Casagrande de Paula. No primeiro semestre de 2001, desenvolveu o projeto intitulado Uma Leitura Sobre a Questão de Território e Limite na Cidade de Foz do Iguaçu, orientado pela professora Diva Aparecida Camargo. Atuou como professor na Universidade Bandeirantes de São Paulo - UNIBAN entre os anos de 2005 – 2008.

REVISTA NUPEM: Breve descrição da trajetória acadêmica após conclusão da graduação na FECILCAM.

Antonio Roseira: Após os dois anos de experiência em pesquisa como aluno de iniciação científica vinculado ao NUPEM, e após minha formatura no curso de Geografia da FECILCAM, mudei-me para São Paulo com o objetivo tentar uma vaga de mestrado no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. No ano de 2002 iniciei minha trajetória no Laboratório de Planejamento Territorial, Ambiental e Geografia Política (LABOPLAN), do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Nesse período fui bolsista de Apoio Técnico a Pesquisa (APT) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), junto ao projeto “As Geografias da Modernidade: Geografia da População; Geografia e Gênero; Geografia Agrária; Migrações” coordenado pela Professora Doutora Rosa Ester Rossini. No ano de 2003 ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, sob a orientação do Professor Doutor Wanderley Messias da Costa. O término do mestrado, desenvolvido numa linha de pesquisa em

Geografia Política, deu-se em 2006, com a defesa da dissertação intitulada “Foz do Iguaçu: Cidade Rede Sul-Americana”. Porém, antes do término da pesquisa ingressei como professor de Geografia, no Instituto de Educação da Universidade Bandeirantes de São Paulo (UNIBAN). Nessa instituição lecionei de março de 2005 a dezembro de 2008, as disciplinas de Geografia Agrária e Geografia Política. O ingresso no doutorado deu-se em julho de 2007, também no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da FFLCH-USP, ainda sob a orientação do Professor Doutor Wanderley Messias da Costa. Cabe ressaltar que durante o Mestrado, fui bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e no doutorado sou bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Antonio Roseira: O primeiro projeto de iniciação científica – intitulado “Uma Leitura Sobre o Conceito Geográfico de Território Frente a Pós-Modernidade” – surgiu de leituras realizadas para a monografia da disciplina Metodologia e Técnica de Pesquisa, ministrada pela professora Zueleide Casagrande de Paula no ano de 1998. Para esse estudo, o meu objetivo principal era fazer uma análise do texto “O Retorno do Território” de Milton Santos, publicado numa coletânea de textos cujo título era “Território, Globalização e Fragmentação” de 2001. Esse texto se tornou na década de 1990, um dos mais importantes sobre a dinâmica do território na globalização. “O Retorno do Território” foi fundamental para o pensamento de Milton Santos, sendo o primeiro texto a resgatar o conceito de território na Geografia, levando em consideração fundamentalmente os fluxos materiais e informacionais. Esse tema permeou o pensamento desse geógrafo durante toda a década de 1990 e foi amplamente discutido e aprofundado em livros posteriores, dentre os quais cabe destacar o já clássico “A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, Razão e Emoção”, de 1996.

Dessa forma, partindo de Milton Santos empreendi uma análise sobre o conceito geográfico de território na globalização. Muitos outros autores foram centrais para a pesquisa, destacando-se Manoel Correia de

Andrade e David Harvey.

No segundo projeto de iniciação científica, debrucei-me sobre a formação do MERCOSUL. Nesse período da pesquisa, fiz um estudo sobre o processo de globalização e fragmentação do espaço mundial a partir do processo de regionalização em andamento no Cone Sul, com a proposta de formação de um Mercado Comum.

Após dois anos de iniciação científica no NUPEM, foi-me concedido mais seis meses de pesquisa, onde passei a estudar a Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina com o projeto “Uma Leitura Sobre a Questão de Território e Limite na Cidade de Foz do Iguaçu”. Nesse último período de pesquisa foquei na dinâmica territorial da Tríplice Fronteira, numa conjuntura global política, econômica e regional de formação de um mercado econômico. Cabe salientar que esse último projeto de iniciação científica tornou-se base para o desenvolvimento do meu projeto de mestrado.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Antonio Roseira: Sem dúvida, o NUPEM se caracterizou na época de sua fundação como uma grande força de transformação da FECILCAM. Coincidindo com um período de aceleração da capacitação dos professores, com uma expansão dos professores mestres e doutores, o NUPEM foi o fio condutor para a pesquisa na faculdade. Conforme os professores – principalmente aqueles que estavam terminando o mestrado e o doutorado – sentiam a necessidade de orientar seus alunos, o NUPEM proporcionou um espaço e um ambiente institucional para pesquisas envolvendo professores e alunos de iniciação científica.

Porém, se por um lado essa estrutura era inovadora para o ensino e a pesquisa na instituição, por outro lado se tornava o grande desafio para nós alunos. Nesse ambiente havia uma necessidade constante de provar a importância da pesquisa para a instituição. A ausência do fomento de instituições como a FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA, exigia dos estudantes uma “pura vocação” e uma vontade imensa para desenvolver suas pesquisas.

Embora houvesse apoio para participação em eventos regionais e nacionais, ainda estava longe do que se encontrava em instituições consolidadas.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Antonio Roseira: O fato de a pesquisa entre professores e alunos, na proporção que estava sendo proposto, ser novidade na FECILCAM, não atrapalhou o andamento dos projetos, pois tanto professores quanto os alunos viam-se extremamente entusiasmados com as novas possibilidades. Se não tivemos bolsa de iniciação científica para desenvolver os projetos, a vontade de fazer pesquisa e de se tornar alunos pesquisadores permitiu nos completo envolvimento com nossas pesquisas. No meu caso, os principais resultados alcançados nesse contexto foram o desenvolvimento uma consciência de pesquisa e a formação de um cabedal teórico básico para futuras pesquisas na pós-graduação. Grande parte do conhecimento prévio exigido de um concorrente a uma vaga de pós-graduação em Geografia Humana foi adquirido por meio do ambiente de pesquisa proporcionado pelo NUPEM.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Antonio Roseira: A maior parte dos incentivos vinha dos professores que estavam dispostos a orientar. Esses professores lutaram dentro da instituição para que os alunos tivessem acesso a eventos regionais, nacionais e em alguns casos até mesmo internacional. A FECILCAM dentro desse contexto contribuía principalmente com estrutura física e com apoio financeiro para a participação dos alunos nos eventos científicos.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Antonio Roseira: A condição de aluno pesquisador foi fundamental para a ampliação dos meus horizontes dentro da Geografia na FECILCAM. A iniciação científica impôs um contato mais profundo com importantes geógrafos brasileiros, americanos, franceses, ingleses, alemães. A partir disso, o aprofundamento em teoria e método em Geografia tornou-se também uma necessidade fundamental. Nesse caso, fui obrigado a estudar para minha pesquisa muitos autores com os quais não tive contato nas disciplinas de graduação.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Antonio Roseira: Além da ampliação do conhecimento teórico e metodológico, a iniciação científica permitiu-me traçar um caminho que só estará completo com a defesa do doutorado daqui alguns anos. O grande estímulo da iniciação científica foi exatamente a construção de um planejamento de pesquisa de longo prazo, cujo mestrado e doutorado são as etapas centrais. O doutorado será a etapa final de um “projeto de pesquisa” que se iniciou no ano de 1999 com a fundação do NUPEM.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Antonio Roseira: Pela minha experiência no NUPEM e principalmente pelos resultados que esse período de pesquisa de iniciação científica me permitiu alcançar no futuro, posso afirmar que aquele primeiro grupo de professores orientadores foi responsável por uma guinada institucional da FECILCAM. Isso significa dizer que a instituição deu início a uma experiência de pesquisa que estava em conformidade com aquilo que é praticado em outros ambientes institucionais públicos. Os dez anos do NUPEM devem fundamentalmente forçar um grande balanço sobre o ambiente de pesquisa na FECILCAM desde sua fundação. Mais que isso, assumindo o seu papel de “comando” precisa conduzir um planejamento do futuro da

pesquisa na instituição. Se a Faculdade está muito mais preparada que muitas outras instituições públicas no interior do Estado, ela também tem muito espaço para conquistar numa conjuntura regional, estadual e nacional de pesquisa. Independente de um “status burocrático” da instituição – sendo ela universidade, faculdade, etc. – serão a quantidade e a qualidade de pesquisas produzidas que a colocará no mapa do conhecimento científico nacional.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Antonio Roseira: Como sempre dizia a professora Zueleide Casagrande de Paula, fundadora do NUPEM, a FECILCAM precisa ultrapassar os seus próprios muros. De fato, a fundação do Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar permitiu a base para a pesquisa na instituição e fez que com que todos pudessem sonhar mais alto em relação ao papel da FECILCAM no Paraná.

ENTREVISTA COM SIDNEY KUERTEN

Realizou seu mestrado em Geografia em 2006, na Universidade Estadual de Maringá – UEM e atualmente desenvolve suas pesquisas de doutorado em Geociências e Meio Ambiente na Universidade Estadual Paulista – UNESP, com bolsa de pesquisa CAPES. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período entre 2001 e 2003, intitulado Transporte de sedimentos do rio do Campo e o assoreamento do lago municipal Joaquim Teodoro de Oliveira (Parque do Lago), Campo Mourão, PR, orientado pelo professor Jefferson de Queiroz Crispim. Atuou como professor colaborador na FECILCAM entre os anos de 2006 – 2007 e foi professor da Faculdade Integrado de Campo Mourão entre os anos de 2005 – 2007.

REVISTA NUPEM: Breve descrição da trajetória acadêmica após conclusão da graduação na FECILCAM.

Sidney Kuerten: Ao concluir a graduação de Geografia em 2003, iniciei mestrado com ênfase em análise ambiental voltado para estudo da geomorfologia fluvial e processos hidrossedimentares. No mesmo período iniciei a atividade de docência de Geografia Geral e do Paraná para ensino fundamental na Escola Sigma. Lecionei por dois anos em mais três estabelecimentos: Colégio Vicentino Santa Cruz, Faculdade Integrado e Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão. Em 2007 ingressei no programa de doutorado onde passei a me dedicar exclusivamente ao desenvolvimento de projeto assistido pela CAPES e FAPESP, voltado para geomorfologia e geologia do Pantanal do Nabileque, localizado no sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, entre a divisa do Brasil, Bolívia e Paraguai.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Sidney Kuerten: A configuração natural dos canais fluviais expõe sua dinâmica de transformação da superfície terrestre, seja erodindo, transportando ou depositando materiais contidos em seu fluxo ao longo de seu curso.

Fomentado a conhecer a dinâmica fluvial do rio do Campo, afluente da margem esquerda do rio Ivaí, canal responsável por parte do abastecimento do município de Campo Mourão é que esta pesquisa teve início em 2002. O escopo do projeto foi monitorar a variação longitudinal das características hidrossedimentares deste rio e seus principais afluentes, rio das Barras e Águas dos Papagaios, além de identificar os fatores responsáveis pelo assoreamento do lago do Parque Joaquim Teodoro de Oliveira, popularmente conhecido por Parque do Lago.

Em farta literatura pode-se encontrar abordagens direcionadas aos efeitos das construções de lagos artificiais em canais aluviais. O processo altera o estado de equilíbrio de um rio, conduzindo-o a uma série de mudanças nas características físico-químicas e nos processos fluviais, acarretando problemas de gerenciamento, tanto na área inundada, como no trecho jusante ao lago. Os efeitos do processo de barramento de canais também podem ser observados com a construção da barragem no curso do rio do Campo, onde o lago formado enriqueceu a paisagem do parque e o transformou em ponto turístico e cartão postal da cidade de Campo Mourão.

Entretanto, pouco tempo depois de sua conclusão o lago já apresentava sinais do processo de assoreamento com a redução da altura da coluna d'água. No início da década de 1990 o problema se agravou, a cabeceira do lago já apresentava notáveis depósitos de sedimentos, típicos do processo de assoreamento.

Nesse contexto, para se aventar com mais precisão os principais fatores responsáveis pelo assoreamento do lago, foram monitorados por um período de 9 meses (junho 2002 a março 2003), oito pontos de observação, distribuídos longitudinalmente ao longo do canal do rio do Campo, afluentes e interior do lago. Nestes pontos foram coletadas amostras de água e sedimentos do leito onde foram avaliados os parâmetros: vazão, profundidade, temperatura da água, condutividade

elétrica, pH, oxigênio dissolvido, transparência, concentração de carga suspensa e variação granulométrica dos sedimentos de fundo. Destaca-se a importância da pesquisa como ponto de partida para análises mais aprofundadas sobre dinâmica do rio do Campo.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Sidney Kuerten: Durante o desenvolvimento do trabalho tivemos dificuldades sim, mas nenhuma destas interferiu de forma significativa no processo. Durante os trabalhos alguns equipamentos ficaram danificados, um deles se soltou no rio, mas apesar do elevado custo, conseguimos contornar a situação. A falta de veículos disponíveis para desenvolver as campanhas de campo também se constituiu em uma dificuldade.

Enfim, como qualquer um que se aventure a produzir ciência, também tivemos obstáculos. Na época, o programa de iniciação científica não dispunha de bolsas de estudo, uma barreira para aqueles que desenvolviam pesquisa conciliada a jornada de trabalho.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Sidney Kuerten: Inicialmente pode-se destacar o caráter inédito dos resultados obtidos com o trabalho, dados que passaram a representar um ponto de partida para o desenvolvimento de novos estudos voltados para a dinâmica fluvial do rio do Campo.

Dentre os resultados encontrados, talvez o mais relevante, foi identificar a quantidade de sedimentos em suspensão retidos no lago. Aproximadamente 170 t/ano, 16% do material fino hidrotransportado pelo rio do Campo decantou e depositou no interior do lago durante o período estudado. A fotografia abaixo revela o cenário do lago durante o desenvolvimento do trabalho no ano de 2002.



Vista parcial da cabeceira do lago. Em destaque na imagem podem ser observados depósitos emersos com formato de cones e leques, originados a partir da brusca redução de velocidade da água com sua entrada no lago, em conseqüente tem-se a perda de energia e decantação dos sedimentos transportados. Fonte: Kuerten et al. 2005.

Ao longo da área estudada foram identificados inúmeros pontos com lançamento de efluentes domiciliares e industriais. Nesses pontos a variação da condutividade elétrica (parâmetro relacionado com a presença de íons dissolvidos na água, que pode contribuir para o reconhecimento de impactos ambientais) chegou a apresentar um aumento de 930% em relação aos valores encontrados em pontos situados próximos as nascentes.

Foram encontrados também valores anômalos nos parâmetros de oxigênio dissolvido, pH e turbidez, que contribuem para o diagnóstico negativo da qualidade do ambiente e alertam para necessidade de medidas voltadas para recuperação e preservação do sistema natural.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Sidney Kuerten: Durante o desenvolvimento do trabalho, foram publicados e apresentados os dados na medida em que os resultados da pesquisa foram sendo obtidos e evidenciavam os processos desenvolvidos no canal fluvial e interior do lago.

Deste estudo resultou a publicação e apresentação de um artigo completo em congresso nacional (XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada - São Paulo, 2005); publicação e apresentação de 2 resumos em congresso estadual (Encontro Paranaense de estudantes de Geografia –

Francisco Beltrão, 2003; VI Encontro Paranaense de Educação Ambiental – Campo Mourão, 2003), publicação e apresentação de 2 resumos em evento local/regional (Semana de Iniciação Científica - I Encontro de Pesquisa, Ensino e Extensão da Região de Campo Mourão, 2002 e 2003).

Nesta fase o apoio de todo o corpo docente foi um diferencial na participação e divulgação do estudo em eventos internos e externos, além do incentivo a participação existia também a compreensão com relação a falta em dias letivos em decorrência destes eventos.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Sidney Kuerten: Acredito que participar de um projeto e desenvolver pesquisa por meio da iniciação científica vai além de melhorar o desempenho acadêmico durante o curso. O discente passa a construir uma identidade científica, adquirir uma postura profissional, passa a ser respeitado pela forma com que atua na construção do conhecimento. Foi através da iniciação científica que adquiri postura metodológica e compreendi o sentido da ética.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Sidney Kuerten: Depois da experiência na iniciação científica, avançar na pós-graduação foi um processo natural e gradativo. Durante um trabalho de campo no lago da Usina Mourão I, com professores do programa de mestrado em Geografia (UEM), fui apresentado ao professor que acabou sendo meu orientador no mestrado. Ao final do trabalho de campo fui convidado para fazer o mestrado, agendei uma conversa e recebi o desafio: avançar na pesquisa fluvial e trabalhar com um dos rios mais importantes do estado, o Ivaí. A experiência adquirida na iniciação foi fundamental durante o mestrado, forneceu a base necessária para o desenvolvimento da pesquisa. Nesta fase pude aplicar o conhecimento adquirido em meus trabalhos, compartilhar experiências de campo com vários pesquisadores

do programa, participar de trabalhos em outros estados do país como São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O avanço para o doutorado surgiu de uma oportunidade no final do mestrado, incentivado por colegas e professores do programa de pós-graduação. Novamente um avanço e um novo desafio lançado. Desde então trabalho na construção de uma tese sobre importantes mudanças ambientais ocorridas no rio Paraguai, um importantíssimo rio brasileiro canal tronco de todo o Pantanal Mato-Grossense, onde venho pesquisando notáveis e peculiares registros geomorfológicos de mudanças ambientais ocorridas durante os últimos milhares de anos.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Sidney Kuerten: Depois de conhecer outras instituições estaduais e federais, pude perceber que todas, assim como a FECILCAM possuem limitações, sejam elas estruturais, financeiras ou políticas.

A forma com que os trabalhos científicos são desenvolvidos depende em muito da captação de recursos, e são em grande parte diferenciados pela atitude dos docentes em relação ao comprometimento com a pesquisa. A elaboração de projetos para captação de recursos em agências de incentivo a pesquisa (CNPq, Fundação Araucária, Fundação O Boticário, FAPESP, FMNA, etc.), tem sido a ferramenta mais utilizada para contornar os problemas existentes em instituições públicas e mesmo nas privadas.

Acredito que a o fato de a FECILCAM ser uma faculdade isolada e ainda não ter conseguido o status de universidade não compromete de maneira alguma a qualidade de seu trabalho e a seriedade do mesmo. O que diferencia em potencial a FECILCAM de outras universidades é a quantidade de recursos financeiros disponíveis para a pesquisa, por isso o trabalho conjunto de docentes, discentes, apoiados pelo corpo institucional na busca por captação de recursos necessários ao desenvolvimento científico local é de fundamental importância.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Sidney Kuerten: Muito do que o estudante precisará saber em sua vida profissional está além do conhecimento que é recebido durante as aulas, trata-se de um conhecimento não acabado, que está por ser descoberto.

O desafio das instituições de ensino hoje é formar indivíduos capazes de buscar conhecimentos, de saber utilizá-los e encontrar novos conhecimentos. Para isto as atividades curriculares ou não, direcionadas para solução de problemas e para o conhecimento da nossa realidade, tornam-se importantes instrumentos para a formação dos estudantes.

Dentro deste contexto a iniciação científica se constitui uma importante ferramenta para que o aluno se aproprie de conhecimentos necessários a formação de sua identidade profissional que pode vir acompanhada ou não da vocação pela pesquisa e de sua continuidade. No entanto o interesse por alcançar esses conhecimentos deve partir também do graduando, indiferente as dificuldades que acompanha todo o processo da iniciação científica, seja pela falta de recursos ou bolsa estudos.

Parabenizo o NUPEM pelos seus 10 anos de trabalho na busca pela consolidação e incentivo a crescente participação do programa de iniciação científica da FECILCAM e sinto me honrado por também fazer parte dessa história.

ENTREVISTA COM LUCIANA VEDOVATO

Realizou seu mestrado em Estudos da Linguagem em 2008, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período de 2003 a 2004, com estudo do conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector a partir de uma análise semiótica, orientada pela professora Valéria Sanches Fonseca. Atuou como professora colaboradora entre os anos de 2004 – 2006 no Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon.

REVISTA NUPEM: Breve descrição da trajetória acadêmica após conclusão da graduação na FECILCAM.

Luciana Vedovato: Sou professora e depois da graduação em 2004, tornei-me, como é de costume na carreira acadêmica, nômade: trabalhei na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no *campus* de Marechal Cândido Rondon, fui professora, na mesma cidade do ensino fundamental e médio, trabalhei no Mato Grosso do Sul – cujas paragens não me suscitam as mesmas lembranças que a Manoel de Barros. Fiz mestrado na Universidade Estadual de Londrina e, no momento da resposta desse questionário, encontro em uma intrépida aventura em solo canadense.

REVISTA NUPEM: Sobre o Projeto de Iniciação Científica.

Luciana Vedovato: Realizei a iniciação científica durante o período de 2003 e 2004. Lembro-me de ter feito a iniciação, pois um ou dois anos antes, a Elisângela Aparecida da Rocha havia ingressado no mestrado na Universidade Estadual de Londrina - UEL - o que mais uma vez, ratifica a importância de um programa de pesquisa. Trabalhei com a Prof. Dra. Valéria Sanches. Nossas atividades eram em torno da análise de textos literários, tendo como instrumento para tal a semiótica greimasiana. E para as discussões, detivemo-nos nos estudos de textos de Clarice Lispector e João

Cabral de Mello Neto.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Luciana Vedovato: O projeto girava em torno da análise semiótica de textos literários, como dito acima. Utilizando-se de Greimas e seus colaboradores, verificamos o percurso gerativo de sentido, nos contos de Clarice Lispector e poemas de João Cabral de Melo Neto. O percurso gerativo de sentido é constituído de três níveis: fundamental, narrativo e discursivo, cada um com uma gramática e sintaxe própria. Nos contos de Clarice Lispector, as análises foram concentradas nos dois primeiros níveis e nos poemas de João Cabral de Melo Neto, fizemos o estudo de todo o percurso gerativo de sentido.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infraestrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Luciana Vedovato: A maior dificuldade era financeira, não tínhamos bolsa e isso limitava o desenvolvimento da pesquisa, pois tornava o tempo escasso para as leituras (concomitantes às leituras realizadas na graduação) e quase todos trabalhavam em outras atividades durante todo o período de pesquisa que provocava algumas dificuldades, especialmente, no que se refere à escritura de artigos e participação em eventos. Estruturalmente, o NUPEM atendia a todos dentro do possível.

Quanto à orientação, não poderia ter tido melhor orientadora. A teoria greimasiana não é um componente curricular exclusivo da grade do curso de Letras. Ela está presente dentro dos estudos linguísticos, mas apenas para que os acadêmicos conheçam as diversas vertentes de campos de estudos. Desse modo, foram necessárias várias reuniões para discussão (leia-se aprendizado) dos aportes teóricos e outras tantas para correção e leitura dos textos. E para além das questões teóricas, a Professora Valéria sempre foi uma grande incentivadora.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Luciana Vedovato: Acredito que foi importante para a possibilidade de mais um campo de estudo dentro do curso de Letras. Produzimos algumas discussões, apresentamos trabalhos o que ajudou, também a desmistificar a semiótica greimasiana.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Luciana Vedovato: Lembro-me de ter participado das semanas científicas da FECILCAM e alguns eventos fora da instituição. Os recursos financeiros eram apenas aqueles mantidos pela Instituição e como quase todas as outras instituições de ensino superior do país: escassos e insuficientes para todos os acadêmicos. Não tínhamos nenhum órgão oficial de fomento – Capes, Fundação Araucária e quando terminei a graduação o questionamento era um possível – e óbvio – apoio do IMEPE.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de graduação?

Luciana Vedovato: Ninguém – imagino que assim tenha sido com os demais que aqui responderam as questões – continua o mesmo depois que se envolve com a pesquisa. As aulas, por conta das leituras e das discussões, deixam aquele ar de ensino médio e ganham a seriedade que deveriam ter sempre: é um gostinho de universidade. Tudo se transforma. O processo de escritura, o diálogo com o orientador, tudo isso influencia as leituras e a produção escrita na graduação. É um sentimento de importância, de participação em algo grande.

Mas é preciso, nesse ponto, fazer uma digressão. É inegável a importância de um programa de iniciação científica, mas a pesquisa tem que ser parte constitutiva da universidade. O questionamento científico é

imprescindível também na graduação. A pesquisa deve estar entranhada a universidade. Isso mesmo, entranhada. Envolvida de tal modo nas práticas corriqueiras que também torne-se ela, a pesquisa, corriqueira: a publicação de trabalhos, o relato e registro de pesquisas de campo, a produção de materiais, experimentos de toda natureza, precisam ter sempre um caráter científico.

Além disso, os acadêmicos que estão em uma instituição que tem a pesquisa como prática cotidiana, inevitavelmente, serão pesquisadores, pois lerão os textos de seus professores, terão ali mesmo programas de pós-graduação, enfim, ajustaram o olhar para a universalidade do conhecimento que é o que, de fato, torna uma universidade em universidade e o que ocorre, por exemplo, nas instituições maiores.

Outro fato é que a prática de pesquisa não pode ser limitada apenas à continuidade da carreira acadêmica (mestrado e doutorado), mas precisa estar presente em toda a dinâmica que circunda nossas atividades pós-graduação. Até porque, para além das questões teóricas, uma prática investigativa garante – ou proporciona o caminho para garantir, um comprometimento maior com nossa prática de trabalho.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Luciana Vedovato: Anteriormente eu falei da apresentação externa de trabalhos. Isso, para mim, mudou tudo. É um mundo que se abre. É uma espécie de alumbramento. É preciso considerar que não tínhamos grupos de pesquisas na FECILCAM nesse período, nem mesmo – fora as reuniões com a orientadora – discussões, então, participar de eventos era a possibilidade concreta de debater idéias, descobrir teorias, metodologias, enfim, participar efetivamente do mundo da ciência. Conhecer universidades maiores, escutar outros professores, outros acadêmicos, expor o trabalho para apreciação...

Ademais, muitas das leituras realizadas durante a iniciação científica e durante a graduação ajudaram no mestrado, por exemplo, e, o que eu avalio ser mais importante, na prática de trabalho em sala de aula.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Luciana Vedovato: Essa pergunta é complicada, pois acredito que ocorreram avanços nesses cinco anos, desde que saí da Faculdade. A própria organização desses relatos materializa o processo de mudança. Mas penso que de modo conjuntural a FECILCAM tem os mesmos problemas que as demais instituições de ensino. Não há como fazer um paralelo entre a FECILCAM e a UEL, por exemplo, ou mesmo com a UNIOESTE, pois são histórias completamente diferentes. Nas duas últimas, evidentemente, há mais bolsas de estudos, programas de pós-graduação em todas as áreas, uma melhor estrutura, enfim, há uma maior circulação de informação. Mas, com exceção de algumas universidades que tem um histórico muito claro do que seja a pesquisa e seus desdobramentos, além de um acesso maior aos financiamentos, não acho que a realidade em torno da produção científica mude muito.

É como enxergamos o processo investigativo é que precisam mudar. Ainda temos um tratamento personalista para a ciência. Os resultados muitas vezes, não são qualitativos e sim quantitativos. Produção em série e alienada de pesquisas que não propiciam melhora para a comunidade e que, em muitos casos, nem deixam os “muros” da universidade. Ainda faltam, em muitos casos, comprometimento social e responsabilidade com os recursos públicos investidos nas atividades de pesquisa. E comprometimento não é assistencialismo.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer algumas considerações?

Luciana Vedovato: Em um momento de consolidação de políticas de pesquisa, ampliação e democratização do acesso aos mecanismos de produção científica, gostaria de parabenizar o NUPEM por trazer à baila depoimentos de acadêmicos que participaram do projeto. Isso ajuda a ilustrar para os novos acadêmicos, que não tiveram oportunidade de

acompanhar alguns debates, como os processos mudaram e como essas mudanças não se devem apenas a medidas das instâncias burocráticas da instituição, mas também, ao movimento dos próprios estudantes que pela FECILCAM passaram durante esses dez anos de Núcleo de Pesquisa.

Além disso, gostaria de engrossar o coro para que cada vez mais acadêmicos participem não apenas do programa de iniciação científica, mas das atividades da instituição como um todo. Debatendo, discutindo, participando dos embates, pois a participação é a garantia de um contínuo movimento e nos inscreve na história como sujeitos ativos e comprometidos. Aliás, é apenas com a participação efetiva que reconhecemos os motores da história, reconhecemos quais são as classes que compõem esses motores e isso muda o resto todo.

ENTREVISTA COM MARGARIDA LISS

Iniciou em 2009 seu mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período entre junho de 2004 e junho de 2006, intitulado Gêneros Textuais no Ensino Médio, orientado pelo professor Antonio Carlos Aleixo. Atualmente é bolsista no projeto de extensão universitária intitulado, “Formação de lideranças indígenas para o desenvolvimento e manutenção de estratégias para a implementação de uma política lingüística para o Estado do Paraná” na Universidade Estadual de Londrina – UEL, Departamento de Letras Vernáculas. O projeto faz parte do subprograma “Diálogos Culturais” que integra o Programa Universidade Sem Fronteiras da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SETI.

REVISTA NUPEM: Breve descrição da trajetória acadêmica após conclusão da graduação na FECILCAM.

Margarida Liss: Após a conclusão do curso de Letras em 2006, atuei por um período de 9 meses como professora de Língua Inglesa. De outubro de 2007 a abril de 2009, participei como bolsista recém-formada do projeto de extensão universitária *“A compreensão da práxis escolar, uma proposta de leitura e pesquisa social”* que integra o Programa Universidade Sem Fronteiras, proposto pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SETI. Durante a execução do projeto, desenvolvido por professores e estudantes do departamento de Letras da FECILCAM, foi possível retomar meus estudos e preparar-me os exames de seleção de Mestrado. Em 2009, ingressei no programa de mestrado em estudos lingüísticos na Universidade Estadual de Maringá e ainda no início de 2009 ingressei como bolsista no projeto de extensão *“Formação de lideranças indígenas para o desenvolvimento e manutenção de estratégias para a implementação de uma política lingüística para o Estado do Paraná”* na Universidade Estadual de Londrina.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Margarida Liss: Em 2004, quando iniciamos o trabalho com gêneros textuais, a proposta era ainda muito recente nas escolas públicas. Entretanto, mesmo sem oferecer o embasamento teórico e as discussões necessárias, a Secretaria de Educação solicitava às escolas, especificamente aos professores de Língua Portuguesa, um trabalho pontual com gêneros textuais. A necessidade do trabalho com os gêneros textuais justificava-se e justifica-se porque o processo de produção textual estava vinculado somente às tipologias textuais.

A proposta dos gêneros textuais foi erigida por Mikhail Bakhtin, que considera a necessidade da interação social. Nessa perspectiva, o processo de escrita que leva em consideração somente a dissertação, narração, descrição, injunção e exposição, ou seja, as tipologias textuais, não permite que o trabalho esteja vinculado a textos com os quais os estudantes têm contato frequente nas situações cotidianas. Embora tenha sido constatado que os estudantes tinham algum contato com as tipologias no dia-a-dia, o trabalho na escola era feito de modo que a relação com o conhecimento empírico dos estudantes era mínima. Um exemplo a ser citado é a narrativa que sempre foi trabalhada a partir de um modelo único e geralmente com um número de linhas delimitado. Esta prática desconsiderava que a narrativa pode estar no gênero piada, na charge, no romance e em muitos outros gêneros.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Margarida Liss: O projeto teve início em um período em que a prática de pesquisa não era tão comum na FECILCAM como é atualmente. Já haviam sido desenvolvidos alguns projetos de IC anteriormente, porém este número era ainda muito reduzido. Dessa forma, não tínhamos muitos parâmetros para pensar como uma pesquisa deve acontecer de forma institucionalizada. Como tratava-se do início da prática da pesquisa na

instituição, não haviam recursos de órgãos de fomento como Fundação Araucária e CNPq, e por isso não havia possibilidade alguma de um estudante de Iniciação Científica pleitear bolsas de estudo, sendo assim, os estudantes que se propunham a desenvolver projetos de pesquisa, eram em sua grande maioria trabalhadores e que não tinham condições de dedicar-se integralmente às suas pesquisas. Além das dificuldades acima mencionadas, haviam dificuldades relacionadas à infra-estrutura, pois a grande maioria dos estudantes pesquisadores não possuía computador em casa e o NUPEM disponibilizava somente um computador para os estudantes utilizarem em situações esporádicas. Antes do término de nossas pesquisas foram adquiridos mais quatro computadores para serem utilizados por estudantes.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Margarida Liss: Levando em consideração os pontos acima mencionados, procuramos durante o desenvolvimento do projeto, observar a forma como o trabalho com os gêneros estava acontecendo, dado que os professores ainda não haviam tido aprofundamento nas teorias que tratam do assunto. Após observações e entrevistas com vários professores de ensino médio de escolas públicas, constatamos que o processo de escrita acontecia de maneira muito semelhante como era realizado a partir de uma tipologia e muito distante do que propunham as teorias que tratavam dos gêneros. Dessa forma, o processo de leitura e escrita, da forma como vinha acontecendo, não trazia as contribuições esperadas a partir das teorias sócio-interacionistas. O projeto de Iniciação Científica por nós empreendido resultou em um diagnóstico com a finalidade de contribuir com o trabalho docente no ensino superior, pois, a partir desse diagnóstico foi possível perceber quais embasamentos teóricos e reflexões os estudantes de Letras necessitam para trabalhar com gêneros textuais na escola pública.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos?

Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Margarida Liss: Mesmo com as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos estudantes pesquisadores e orientadores, as participações em eventos eram incentivadas pelos professores e pelo NUPEM. A partir de 2005, foi possível participar de vários eventos com o apoio financeiro da FECILCAM, entretanto, não havia apoio de outros órgãos de fomento. Os recursos que utilizávamos eram provenientes do orçamento da faculdade.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Margarida Liss: Mesmo com todas as limitações que permeavam a realização da pesquisa, foi possível constatar as contribuições que a participação no projeto de iniciação científica trouxe para os estudos na graduação, pois os estudantes que desenvolvem projetos de pesquisa têm a possibilidade de ter contato com teorias que não estão nas programações das disciplinas do curso. A prática da pesquisa e as participações em eventos são certamente de grande contribuição para a formação dos acadêmicos tanto durante a graduação quanto após o seu término.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Margarida Liss: O desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica foi para mim uma oportunidade de aprender a fazer pesquisa. Esta experiência auxiliou muito no acesso programa de mestrado, dado que saber lidar com a pesquisa é um dos pré-requisitos para ingressar em um programa de pós-graduação.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Margarida Liss: Após conhecer outras instituições de ensino superior, foi possível constatar que a importância dada à pesquisa é proporcional ao que ocorre na FECILCAM. Se for considerado que instituições maiores recebem muito mais recursos e têm uma infra-estrutura melhor e maior para a realização de pesquisas, talvez o empenho empreendido pela direção e docentes e estudantes da FECILCAM possa ser considerado maior do que em outras instituições.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Margarida Liss: Atualmente é possível perceber que mesmo com inúmeras dificuldades ainda enfrentadas, as questões voltadas para a pesquisa estão melhores na FECILCAM tanto em quantidade quanto em qualidade, pois além de estudantes terem a possibilidade de pleitear bolsas, eles contam com uma infra-estrutura melhor, com espaços que possibilitam mais discussões e mais condições para o desenvolvimento de suas pesquisas.

ENTREVISTA COM JEFFERSON FERNANDO VOSS DOS SANTOS

Iniciou em 2009 seu mestrado em Letras – Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período entre agosto de 2006 e julho de 2007, intitulado A Apropriação do Discurso de Ações Afirmativas pela Publicidade, orientado pela professora Elizabeth Labes. Atuou como professor de Língua Estrangeira Moderna – Inglês nos Colégios Estadual Marechal Rondon, Escola Estadual 29 de Novembro e Colégio Estadual Princesa Isabel no ano de 2008. Atualmente leciona inglês no Colégio Vicentino Santa Cruz, no Fisk idiomas e no CELIN – Centro de Línguas da FECILCAM.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Jefferson Voss: Meu projeto de pesquisa, desenvolvido sob a orientação da professora Elizabeth Labes, tinha como objetivo identificar regularidades discursivas que, presentes em campanhas publicitárias veiculadas por revistas de circulação nacional, nos possibilitassem identificar, na análise do corpus que havíamos selecionado, marcas do discurso de ações afirmativas. Para tanto, recorreremos, como arcabouço teórico, à Análise de Discurso francesa de orientação pecheuxtiana.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Jefferson Voss: A maior dificuldade, na época, foi a falta de preparo para enfrentar um ambiente de produção científica. Lembro-me que as primeiras tentativas de redação de um artigo científico foram um fracasso, pois eu ainda não possuía noção alguma de como esse universo de produção acadêmica funcionava. Muitos foram os meus tropeços, tanto teóricos quanto metodológicos, até que eu pudesse me situar como um

candidato a pesquisador. Por fim, tudo se deu num processo responsável que foi me dando gradativamente segurança para a apresentação de trabalhos, produção de resumos e propostas de artigos.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Jefferson Voss: Muito mais que resultados efetivos, minha pesquisa de Iniciação Científica trouxe muitas outras problemáticas a serem pensadas e analisadas no campo específico em que ela se deu. E foi graças a essas problemáticas que pude elaborar um projeto de pesquisa tanto quanto consistente para a seleção do mestrado. Apesar de nossas hipóteses iniciais terem sido confirmadas durante as análises realizadas, pois, de fato, conseguimos provar em certa medida o modo como o discurso de ações afirmativas estava disperso pelo discurso publicitário naquele recorte que fizemos, não mostramos o porquê daquele fenômeno histórico – o que resultou na elaboração de uma proposta para o mestrado.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Jefferson Voss: A participação em eventos foi bastante contínua durante o desenvolvimento da pesquisa. Apresentamos comunicações orais em eventos na UEM, na UEL, na FAFIMAN, na UNIMEO, além, é claro, dos eventos realizados na própria FECILCAM. Isso me garantiu um bom currículo já na graduação e me auxiliou enormemente ao ingressar no mestrado. Um fator que ajudou a alavancar nossa produção científica foi o convênio da Instituição com a Fundação Araucária, o que nos garantiu bolsas de Iniciação Científica. Eu estou no grupo dos cinco primeiros estudantes da FECILCAM a serem beneficiados com bolsas de IC e sei o quanto elas são importantes para impulsionar a divulgação científica.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui

para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Jefferson Voss: A Iniciação Científica nos garante novos rumos enquanto estudantes de graduação. Ela possibilita seu crescimento intelectual e a formação de uma identidade enquanto estudante da área. Quando você apenas faz as disciplinas do curso e espera as avaliações, tem-se a impressão de que somos passivos em relação ao conhecimento. Já como estudantes de Iniciação Científica somos ativos diante dos saberes e nos permitimos mobilizá-los em nossa realidade. Há uma grande diferença entre o estudante que sai da graduação com e sem Iniciação Científica. Uma prova disso é que grande parte dos que fazem a Iniciação Científica conseguem ingressar em programas de mestrado com mais facilidade.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Jefferson Voss: A Iniciação Científica faz com que você enxergue a Pós-Graduação como algo possível de ser realizado, principalmente no que condiz aos programas de mestrado e doutorado. Parece que o aluno que não faz Iniciação Científica vê a pós-graduação em nível de mestrado e doutorado como algo muito distante. E isso ocorre de forma diferente para o aluno de IC, pois este geralmente consegue uma base teórica consistente para identificá-lo como pesquisador em uma área e impulsioná-lo à continuação de suas pesquisas. No meu caso, por exemplo, se não fosse minha experiência em IC, não teria condições de pensar em um projeto para o mestrado, pois a pesquisa estaria longe de minha realidade.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Jefferson Voss: A única diferença marcante entre a FECILCAM e os outros centros acadêmicos é o fato de ela ser menor fisicamente, o que não será um problema assim que o número de cursos aumentar e o novo campus for

construído. No que concerne à pesquisa, recebemos a mesma orientação dos alunos de outras instituições e, por fim, a qualidade de nossos trabalhos também é a mesma. Um exemplo disso é o número de estudantes da FECILCAM que estão ingressando em programas de mestrado de instituições do Paraná e do Brasil. Somente no processo seletivo que prestei, três foram os egressos da FECILCAM selecionados, o que indica um bom número, visto que dez eram as vagas ofertadas naquela linha de pesquisa específica.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Jefferson Voss: Somente tenho de agradecer a oportunidade que me foi dada quando ingressei como aluno de Iniciação Científica na FECILCAM. A professora Elizabeth Labes, minha então orientadora, foi uma grande amiga durante toda a pesquisa e me deu apoio incondicional: desde as discussões sobre o tema da pesquisa, até os resultados e divulgação. Sei que boa parte do que formou como pesquisador e que me deu condições de seguir carreira acadêmica provém da minha experiência na Iniciação Científica. É realmente um diferencial na vida acadêmica: nos aponta escolhas teóricas, mostra percursos metodológicos e nos identifica como pesquisadores em uma área específica, além de nos propiciar uma grande segurança no desempenho de atividades docentes. Somente temos a ganhar ao realizarmos uma pesquisa de Iniciação Científica.

ENTREVISTA COM JULIANA CAROLINA TEIXEIRA

Iniciou em 2009 seu mestrado em Geografia na Universidade Estadual de Maringá – UEM, sendo bolsista CAPES. Desenvolveu projeto de iniciação científica no período de 2007 a 2008, intitulado Campesinato, pluriatividade e turismo no Município de Campo Mourão – Paraná, orientado no primeiro semestre pela professora Telma Santos e no segundo semestre pela professora Gisele Ramos Onofre.

REVISTA NUPEM: Breve descrição da trajetória acadêmica após conclusão da graduação na FECILCAM.

Juliana Teixeira: Após a graduação em 2008 em Turismo e Meio Ambiente pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, entrei em 2009 no Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá e tornou-se bolsista pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Juliana Teixeira: A proposta para pesquisar sobre a temática da pluriatividade do Turismo no universo do campesinato, surgiu de uma pesquisa maior de doutoramento da minha primeira orientadora Telma Santos. Após pesquisas iniciais e preparatórias para a formatação do meu projeto de Iniciação Científica, chegamos ao projeto final o qual eu desenvolvi no programa. Nesse sentido, procuramos compreender a discussão na qual o turismo, para muitos pesquisadores é proposto como uma atividade complementar para o agricultor de base familiar, a qual auxiliaria sua fixação no campo e na renda da família. Entendendo que o turismo para sua implementação, por vezes, necessita de investimentos que

podem escapar as condições do agricultor de base familiar, nos questionamos se essa atividade era desenvolvida no município por esses agricultores. A discussão dessa pesquisa é bastante densa, o que deu a oportunidade de prolongá-la para o mestrado.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Juliana Teixeira: Durante a realização da minha pesquisa de IC tive orientações importantes que me auxiliaram muito. Além disso, recebia bolsa da Fundação Araucária, assim, não tive preocupações financeiras para levar adiante meu projeto, por isso também tive tempo disponível. Consegui adquirir alguns livros e os demais tive acesso na biblioteca da Faculdade, demais materiais as professoras Telma e Gisele forneceram, a exemplo da filmadora, para a pesquisa de campo, da Professora Gisele. Portanto em relação a tempo, orientações, infra-estrutura não encontrei grandes dificuldades. A dificuldade maior veio no momento de adquirir o conhecimento específico da Geografia, uma vez que eu não conhecia as discussões que permeiam a questão agrária e outras discussões que não são próprias do Turismo. Também no início tive dificuldades na hora de formatar o projeto, como era uma das primeiras pesquisas que estava iniciando precisei aprender muito, o que foi importante para meu crescimento.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Juliana Teixeira: A hipótese da minha pesquisa foi confirmada. Como resultados, compreendemos que no município a atividade turística consolidada não ocorre com a participação dos agricultores de base familiar, mas sim com empresários localizados no campo. Além disso, constatamos que os agricultores de base familiar que tem interesse de implementar essa atividade encontram as mais diversas dificuldades pelo caminho. Primeiro, a falta de dinheiro suficiente para investimento, o que resultou no abandono da simples infra-estrutura, já construída, para

receber os visitantes. Segundo e, lamentavelmente, a falta de incentivos públicos.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Juliana Teixeira: Participei de alguns eventos com auxílio da bolsa que recebia da Fundação Araucária. Através de colegas e professores tomava conhecimento dos eventos e incentivada por eles me inscrevia. Participei tanto de eventos internos da própria FECILCAM promovidos pelo NUPEM como o EPCT e, de eventos externos como o Seminário Internacional de Turismo em Curitiba e o EPHTUR (Encontro Paranaense de Pesquisadores de Hotelaria e Turismo) em Foz do Iguaçu, e ainda dos eventos próprios para os alunos de Iniciação Científica como o Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP em São Paulo.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Juliana Teixeira: Sem dúvida a Iniciação Científica foi importantíssima para minha graduação e para além dela, em meu desenvolvimento como pesquisadora continuando as pesquisas no mestrado, por exemplo. O programa me incentivou a continuar pesquisando e pretendo continuar por muito tempo. Foi importante, ao passo que minhas discussões na área do turismo e até mesmo da geografia amadureceram muito, não só nessas discussões, mas também fizeram com que eu compreende-se a importância da pesquisa e do pesquisador. Foi assim que concluí minha graduação, prolongando minha caminhada dentro da pesquisa científica.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Juliana Teixeira: Foi com os conhecimentos adquiridos com a pesquisa

realizada na Iniciação Científica que formulei meu projeto para tentar entrar no mestrado. Apresentei o projeto para o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEM. Em entrevista com o Professor Doutor Elpidio Serra, durante o processo de avaliação, meu projeto foi aprovado. Tenho consciência de que se não tivesse participado da Iniciação Científica talvez não estaria no mestrado hoje.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Juliana Teixeira: É bem verdade que temos dificuldades na instituição de ensino a qual frequentamos, mas quando saímos para conhecer outras instituições durante os eventos que participamos, pelo menos particularmente, percebi que o ensino público tem suas dificuldades aqui e em outras instituições. Porém, apesar dessas dificuldades, percebi que o desenvolvimento dos alunos da FECILCAM tem a mesma ou até mais qualidade do que os alunos de outras instituições. Tive oportunidade de assistir a apresentação de trabalhos excelentes dos meus amigos de sala ou de Iniciação que representaram muitíssimo bem o nome da instituição. O que deixa claro que a FECILCAM possui ensino de qualidade. Mas é sempre importante estimular projetos, grupos de pesquisa, especialização de professores e alunos, dentre outras coisas. Sabemos que há sempre caminho para se percorrer.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Juliana Teixeira: Acredito que o estímulo dos alunos para participar da Iniciação Científica deve ser crescente e contínuo, afinal, durante minha graduação na FECILCAM percebi que muitos alunos têm criatividade, conhecimento, e vontade para desenvolver as mais diversas pesquisas, bem como existem professores extremamente qualificados que procuram o desenvolvimento de pesquisas junto com seus alunos. O que precisamos é

de mais discussão científica e promoção de novas pesquisas e demais projetos. Porque são essas discussões que geram pesquisas que cumprem a função social da Faculdade.

ENTREVISTA COM MAYARA CRISTINA PEREIRA YAMANOE

Iniciou em 2009 seu mestrado em Educação, área de concentração Sociedade, Estado e Educação/Linha de Pesquisa: Educação, Políticas Sociais e Estado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, com bolsa de pesquisa. Desenvolveu projeto de iniciação científica no segundo semestre de 2008, intitulado Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos no Paraná: Análise do Plano de Curso do Curso Segurança do Trabalho, orientado pela professora Simone Sandri.

REVISTA NUPEM: Breve descrição da trajetória acadêmica após conclusão da graduação na FECILCAM.

Mayara Yamanoe: Durante o último ano de graduação em Pedagogia (2008), participei de três seleções de mestrado em educação, em duas fui aprovada na prova escrita, sendo que na UNIOESTE também fui aprovada na entrevista.

REVISTA NUPEM: Discorra sobre o tema central de seu projeto de pesquisa desenvolvido na época.

Mayara Yamanoe: O tema central do projeto de pesquisa era o PROEJA, um programa do governo federal instituído em 2005, pelo Decreto 5.478. Esse programa (Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos) visava à integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, sendo a sua oferta obrigatória nos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs). Em 2006 o Decreto 5.840 revogou o 5.478/2005, alterando o nome do programa para Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos e abrangendo todos os sistemas públicos de ensino e as instituições do Sistema Nacional de Aprendizagem (Sistema

S), mantendo a obrigatoriedade para os CEFETs. O objetivo da pesquisa, então, era analisar o Plano de Curso de um dos cursos de PROEJA ofertados no Núcleo Regional de Educação de Campo Mourão. A análise do plano de curso visava contribuir com a pesquisa realizada pela orientadora, que investiga o processo de implementação do PROEJA nesse Núcleo Regional de Educação. A pesquisa da orientadora, por sua vez, está atrelada à pesquisa Demandas e Potencialidades do PROEJA, de caráter interinstitucional que está a analisar a implementação desse programa em todo o Estado do Paraná.

REVISTA NUPEM: Quais eram as maiores dificuldades na realização da pesquisa (infra-estrutura, recursos financeiros, orientação, tempo etc.).

Mayara Yamanoe: Uma das dificuldades encontradas para a realização da pesquisa consistia na pouca produção bibliográfica acerca do tema até então, visto que o objeto era bastante recente e de formato inédito na história da educação brasileira. Além disso, o tempo para as leituras e discussão também era escasso, já que eu cursava o último ano da graduação.

REVISTA NUPEM: Poderia destacar os principais resultados alcançados com sua pesquisa de Iniciação Científica?

Mayara Yamanoe: Considerando que não concluí a pesquisa, já que me formei, não é possível indicar resultados finais da pesquisa. Entretanto, o Relatório Parcial da pesquisa congrega uma síntese das leituras realizadas, tanto de documentos como de referências, que contribuem para a aproximação teórica com o objeto pesquisado. Partindo disso, foi possível apresentar o Plano de Curso (sua análise passou a ser responsabilidade da estudante para a qual foi transferida a pesquisa). No que diz respeito ao aspecto de formação, um dos principais resultados alcançados com a pesquisa de iniciação científica foi a aprovação na seleção de mestrado. A proposta de pesquisa encaminhada à seleção também tinha como objeto o PROEJA, sendo que a problemática foi delineada a partir da participação em

um evento. Além disso, o contato com o processo de pesquisa e as discussões sistematizadas com a orientadora, com constituição de grupo de estudo, foram extremamente importantes para a minha formação acadêmica. É inegável a contribuição da orientadora, especialmente no que diz respeito ao domínio teórico e metodológico de seu trabalho.

REVISTA NUPEM: Houve participação em eventos internos e externos? Havia incentivo/apoio por parte dos professores, da FECILCAM e de outros órgãos de fomento?

Mayara Yamanoé: Houve a participação em eventos internos e o encaminhamento de trabalhos para eventos externos. Alguns trabalhos, aprovados em eventos de outras instituições só foram publicados, mas não apresentados. Isso porque, por estar no último ano do curso e ter que cumprir as exigências de estágios e TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), não foi possível viajar. O NUPEM foi o grande incentivador para a participação em eventos, juntamente com a FECILCAM, que dispôs de apoio financeiro para tais participações. A orientadora da pesquisa também incentivou e contribuiu imensamente, visto que produzimos conjuntamente os trabalhos encaminhados e publicados em eventos.

REVISTA NUPEM: No seu entendimento a Iniciação Científica contribui para seu desempenho durante o curso de Graduação?

Mayara Yamanoé: Ingressei na Iniciação Científica somente no último ano de graduação. Apesar disso, é possível afirmar que a Iniciação Científica contribuiu bastante, especialmente com as pesquisas dos estágios e produção do TCC. Durante todo o processo foi possível estabelecer relações entre esses trabalhos com a IC, compreendendo melhor categorias de análise e procedimentos metodológicos, que muitas vezes não são suficientemente trabalhados durante a graduação.

REVISTA NUPEM: Em que medida a Iniciação Científica resultou em estímulo para a continuidade nas pesquisas de Pós-Graduação?

Mayara Yamanoe: A iniciação científica contribuiu em grande medida na opção pela continuidade na carreira acadêmica, inclusive com a opção pela pesquisa na mesma temática. O PIC oferece possibilidades de acesso a elementos fundamentais a essa continuidade que a graduação não tem contemplado. A participação em eventos, publicação de trabalhos, o contato com a pesquisa propriamente dita, orientada por um estudioso da área, são questões fundamentais para a continuidade na carreira acadêmica. Desse modo, indico a necessidade de a graduação integrar a pesquisa de forma que o estímulo para a continuidade dos estudos não seja privilégios dos estudantes que participam/participaram da iniciação científica, assim como é indispensável a garantia das condições fundamentais para a ampliação do PIC na instituição.

REVISTA NUPEM: Como você relaciona o lugar institucional da FECILCAM com os demais lugares do ensino superior do Estado e do País, depois de ter verificado outros espaços?

Mayara Yamanoe: Tendo em vista que iniciei o mestrado esse ano, ainda é cedo para sistematizar essa relação/comparação. Torna-se nítida, entretanto, a diferença entre uma universidade e uma faculdade, seus aspectos de infra-estrutura, de incentivo e apoio à pesquisa, de nível de formação do corpo docente e suas condições de trabalho, etc. É necessário considerar esses lugares institucionais historicamente. Nesse sentido, podemos afirmar que a FECILCAM realiza um bom trabalho, dentro de seus limites e possibilidades.

REVISTA NUPEM: Para finalizar, você gostaria de fazer outras considerações?

Mayara Yamanoe: Parabenizo o NUPEM pelos seus dez anos de trabalho que muito contribui com a formação pela pesquisa. Reitero a necessidade de produção das condições fundamentais para a ampliação desse trabalho, destacando os esforços do atual coordenador Prof. Dr. Frank Mezzomo, dos membros do Comitê Assessor Local e das secretárias que trabalham/trabalharam no NUPEM.